

Pe. Eugênio Pacelli, SJ



Mensagens de

# Fé e Esperança

em tempos de COVID 19

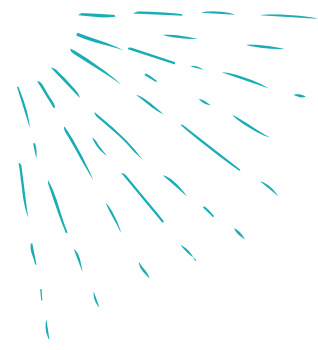
EDIÇÕES  
**INESP**





Mensagens de  
**Fé e Esperança**

em tempos de COVID 19



Pe. Eugênio Pacelli, SJ

Mensagens de  
**Fé e Esperança**

em tempos de COVID 19



**Assembleia Legislativa  
do Estado do Ceará**

Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o  
Desenvolvimento do Estado do Ceará

Fortaleza, 2020

Copyright by Inesp © 2020

INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE O  
DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO CEARÁ - INESP

**Diretor Executivo do Inesp**

João Milton Cunha de Miranda

**Assistente Editorial**

Valquíria Moreira

**Projeto Gráfico, Diagramação e Capa**

Valdemice Costa de Sousa (Valdo)

**Ilustrações**

Patrícia Thaís Rodrigues de Sousa (@\_narcistx\_)

**Redação Pré-textual**

Rachel Garcia

**Revisão**

Lúcia Jacó Rocha

**Assistente de Revisão Digital**

Marta Lêda Miranda

**Impressão**

Gráfica do Inesp

**Orientador da Célula de Edição e Produção Gráfica**

Ernandes do Carmo

**Equipe de Edição e Produção Gráfica**

Cleomárcio Alves (Márcio), Edson Frota, Francisco de Moura,  
Hadson França, João Alfredo Lanzilloti, Gotardo Freire,  
Mário Giffoni, Aurenir Lopes, Tiago Melo Casal

Catalogado por Daniele Nascimento CRB-3/1023

---

P115m Pacelli, Eugênio.

Mensagens de fé e esperança em tempos de covid 19 / Eugênio  
Pacelli. – Fortaleza: Assembleia Legislativa do Estado do Ceará,  
INESP, 2020.  
52p. : il.

ISBN 978-65-88252-00-0

1. Fé – Teologia cristã. 2. Catolicismo. I. Ceará. Assembleia  
Legislativa. Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvi-  
mento do Estado. II. Título.

CDD 234.2

---

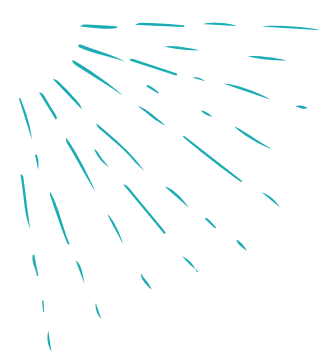
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS ÀS EDIÇÕES INESP

A presente obra não poderá ser comercializada e sua reprodução, total ou parcial,  
por quaisquer meios reprográficos ou digitais, deverá ter a autorização prévia do Inesp.



**Deus não está ausente  
no sofrimento, e sim,  
o comparte conosco.**

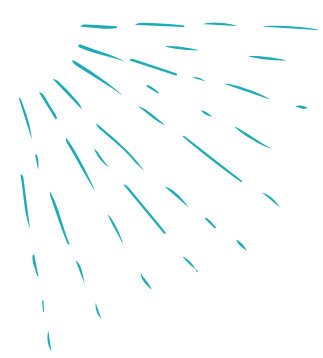






## Sumário

Apresentação .....	9
Prefácio.....	10
Introdução .....	13
Francisco, a Misericórdia em atitudes.....	14
Afinal, quem foi Maria Madalena?.....	16
O medo que nos habita.....	18
Viver como ressuscitados .....	20
Misericórdia: expressão da divina essência.....	22
Tempo de renovação .....	24
A arte de escutar-se para escutar a Deus.....	26
A mística da ação e contemplação .....	28
A Igreja é jovem .....	30
Igreja aberta às inquietações da juventude .....	34
Olhar amoroso e vigilante sobre si mesmo .....	36
Ele vem para junto de nós.....	38
Deus se fez criança .....	40
Quaresma e quarentena .....	42
Deus e o corona vírus .....	42
Uma refeição para todos .....	48
Pós modernidade e interioridade .....	50



## Apresentação

Nesses tempos de pandemia, vive-se uma inédita situação de instabilidade no mundo. São duras as experiências vivenciadas e a gravidade do momento pede ações políticas de emergência que minimizem o sofrimento físico e psíquico da população, já marcada por grandes desigualdades.

Como casa política comprometida com as necessidades da população, um Parlamento deve fomentar iniciativas que contribuam para o bem-estar social.

A Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, por meio do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o desenvolvimento do Estado do Ceará (Inesp), publica a obra *Mensagens de Fé e Esperança em Tempos de COVID-19*, cujo intuito é amenizar os danos emocionais dos cidadãos que ora se mostram mais necessitados de interação e diálogo.

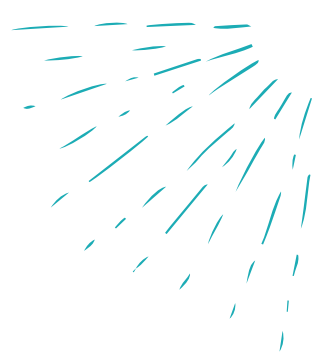
***Deputado Estadual José Sarto***

*Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará*

## Prefácio

**A** obra *Mensagens de Fé e Esperança em Tempos de Covid-19* apresenta-nos uma tentativa de acalmar os corações e as mentes sofridos pela falta do contato físico, temporário ou permanente, entre aqueles que se amam. Suas palavras acolhedoras promovem um novo tipo de encontro que busca abrandar o sofrimento humano, vivido nos hospitais e nos lares de enfermos.

O livro é de autoria do sacerdote jesuíta Padre Eugênio Pacelli, que lançou, também: *Em Jesus, Deus Abraça o Sofrimento Humano: uma leitura do Deus crucificado*, de Jürgen Moltmann, resultado de sua dissertação de Mestrado em Teologia e *Encontros com a Misericórdia* em parceria com Marília Fiúza. Padre Eugênio é formado em Filosofia, Teologia e Administração, diretor do Colégio Santo Inácio, onde fundou o movimento Amare; celebra a Noite da Misericórdia às segundas-feiras; a Missa para Crianças, domingo às 10 horas e

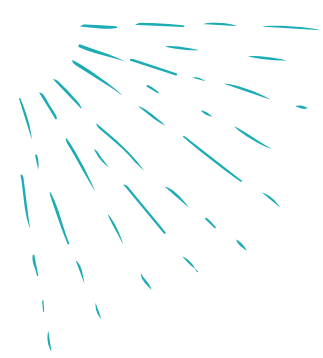


ministra cursos bíblicos. Nesta publicação, a temática do autor divide-se em nove capítulos: *O medo que nos habita, Viver como ressuscitados, Misericórdia: expressão da divina essência, A arte de escutar-se para escutar a Deus, Tempo de Renovação, A mística da ação e contemplação, Olhar amoroso e vigilante sobre si mesmo, Ele vem para junto de nós...e Deus se fez criança, Quaresma e quarentena, Deus e o corona vírus, Uma refeição para todos, e Pós modernidade e interioridade.*

A Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, por meio do seu Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará (Inesp), publica esses artigos, publicados no jornal O POVO, enxergando-os como um recurso para despertar as potencialidades necessárias à sobrevivência nestes tempos difíceis.

### ***João Milton Cunha de Miranda***

*Diretor Executivo do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará (Inesp)*



## Introdução

É fato que o atual contexto sanitário, social, político e econômico favorece o desânimo, a tristeza, a angústia e até doenças psicossomáticas tal qual a depressão. Neste momento, palavras que nos ajudem a superar o medo, a dor, renovando-nos para que continuemos em frente, são por demais bem-vindas, digamos indispensáveis.

Os textos desta publicação, além de nos falarem sobre o poder da oração, ajudam-nos a entender a necessidade de aproveitar o tempo para um encontro conosco mesmo, com os outros e com Deus. Assim, podemos restabelecer o nosso equilíbrio, sentindo-nos mais serenos e felizes para redefinir nossas metas.

A perseverança, muitas vezes, está adormecida e, embora sejamos obrigados a correr riscos, palavras sobre fé ajudam-nos a enfrentar as dificuldades e realizar projetos, tomando decisões acertadas, mesmo diante de um futuro incerto.

***Deputado Estadual Evandro Leitão***

*Primeiro Secretário da Mesa Diretora*



## Francisco, a Misericórdia em atitudes

Há cinco anos, a fumaça da chaminé anunciava, no Vaticano, um Papa que veio do “fim do mundo”. Um dos mais significativos da longa história do papado. Até seus opositores compartilham dessa avaliação. O que faz de Francisco ser tão popular?

Ele surpreende em gesto de proximidade e humildade. Linguagem acessível, que sensibiliza o mundo, que não chega através de discursos ou verdades dogmáticas, mas da compaixão e misericórdia. Enfatiza a ação em detrimento da fala.

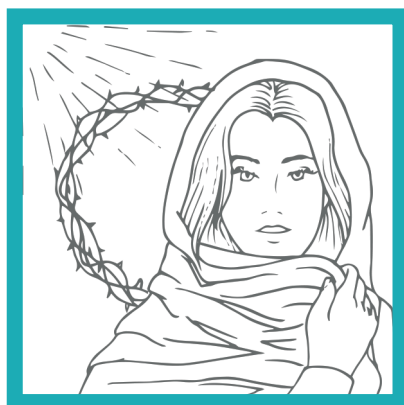
Essa porta dos gestos acolhedores torna-se pressuposto para o anúncio da alegria do Evangelho. Mostra, com ações, que não veio julgar nem condenar, mas ir ao encontro de todos com um abraço misericordioso.



Francisco vem em contraponto ao mundo individualista e frio, revelando a proximidade de Deus junto de todos, sobretudo daqueles que sofrem ou são injustiçados.

Em cinco anos de pontificado, notam-se mudanças eclesiais importantes: de uma Igreja fria a uma Igreja simples, acolhedora, que promove a cultura do encontro; de uma Igreja moralista a uma Igreja que se centra em Cristo e na alegria do Evangelho; de uma Igreja centrada no pecado a uma Igreja centrada na misericórdia, onde os sacramentos são para todos os enfermos e não para os “perfeitos”; de uma Igreja centrada nela mesma, preocupada com o proselitismo a uma Igreja preocupada com o sofrimento humano, as guerras e a fome; de uma Igreja triste a uma Igreja jovem e alegre, fermento de uma sociedade transparente; de uma Igreja ONG, clerical, machista a uma Igreja Casa do Povo de Deus, “Igreja Mãe”.

A maneira de Francisco pensar a fé e propô-la aos fiéis vem dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola. A espiritualidade inaciana é apostólica e missionária. Nessa perspectiva, entende-se o convite à “Igreja em saída”, aos “hospitais de campanha” etc. Nas pegadas de Inácio, Francisco nos propõe ir às periferias geográficas e existenciais e lá perceber o coração pulsante e vivo do Evangelho. Aqui está sua virada profética



## Afinal, quem foi Maria Madalena?

É impressionante a quantidade de filmes e livros lançados sobre Maria Madalena. Alguns valem a pena pelo rigor teológico e histórico inquestionáveis, outros para ver até onde chega a falsificação histórica e a imaginação criativa de muitos.

Em tempos de abertura e valorização do papel da mulher na Igreja, vale a pena a reconstrução histórica, teológica e espiritual dessa mulher, que marcou a história cristã e, em alguns momentos, foi esquecida e desvalorizada. Chamava-se, Maria e era de Magdala. Já no próprio nome está explícito seu perfil de mulher independente, à frente de sua época. É nomeada pelo povoado de onde veio e não em relação a um parente do sexo masculino, isso indica que era mulher de recursos, não submetida a outros e com autonomia para fazer parte do grupo de Jesus. É

a mais citada nos Evangelhos, 17 vezes, mais inclusive do que a mãe de Jesus. Acompanha Jesus no início de seu ministério, é a testemunha privilegiada da morte e ressurreição.

Durante os primeiros séculos existiram duas tradições sobre Maria Madalena: em comunidades cristãs, nas quais as mulheres exerciam um ministério oficial, Maria era reverenciada como primeira testemunha da Ressurreição. Irineu, Orígenes e João Crisóstomos a nomearam como “Apóstola dos Apóstolos”. No terceiro século, Agostinho a confundia e identificava-a como a pecadora, porém, foi o Papa Gregório Magno, que, em uma de suas homilias, declarou “Maria Madalena, Maria de Betânia e a pecadora citada por Lucas a mesma pessoa,” levando-a ao ostracismo e discriminações, nos quais a Igreja teria sido vítima de um patriarcalismo secular, ao assimilar Madalena à prostituta, para a desonrar e recusar às mulheres o seu pleno lugar. A verdadeira Maria de Madalena representaria muito mais: a solidariedade, a lealdade mesmo perante a morte, a coragem, a criatividade, a perseverança.

O Papa Francisco, em tempos de renovação, ao declarar o dia de Maria Madalena (22 de julho) uma festa à altura dos apóstolos, destaca o papel da mulher e desafia a Igreja a converter a participação das mulheres como discípulas, em pé de igualdade no sec XXI. Como a Igreja ganharia com isso!!!



## O medo que nos habita

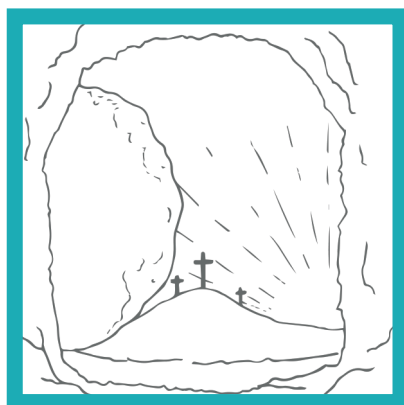
A vida é uma travessia. Viver é superar, renovar, lançar-se. Nessa travessia há fantasmas que nos paralisam, impedem-nos de assumirmos desafios e travam o coração na hora de tomar decisões. O que faríamos se não tivéssemos medo? O medo está na pauta do dia; temos o tempo todo; um medo sem nome, um fantasma sem rosto; medo cruel que afeta corajosos e desafia ousados. Toda travessia implica correr riscos, e quem se instala, se perde, envolve-se na tormenta da paralisia de uma vida medíocre e superficial.

Há momentos em que daríamos tudo por uma chance de pedir a Deus para não corrermos riscos. As experiências obscuras, as tribulações e as tempestades são inerentes à fé cristã. O Papa Francisco já nos ensina que “ter fé não significa estar livre de momentos difíceis, mas ter força

para enfrentá-los, sabendo que não estamos sozinhos”. Mas o risco é necessário. Sem a superação cotidiana desse medo, nossos sonhos e projetos estarão comprometidos.

Algumas pessoas fazem opção pelo porto seguro das falsas certezas e seguranças, mas outros preferem correr o risco do “mar agitado”, “da escuridão da noite” e são capazes de construir o novo. Quando superamos nossos medos e tomamos decisões audazes diante de um futuro incerto, no nosso “eu profundo”, recursos e capacidades que ignorávamos ter despertado a “alma guerreira em nós”. A poetisa chilena, Isabel Allende, profetizava: “Todos temos dentro de nós uma insuspeita reserva de força que emerge quando a vida nos põe à prova”. Assim, para desenvolver essa reserva de potencialidades, temos de enfrentar dilemas, encruzilhadas, perplexidades e responsabilidades. Isso nos faz mergulhar na vida, desenvolver nossas forças, ativar e despertar outras possibilidades escondidas no chão de nossa vida.

Na tradição inaciana “formar-se é provar-se”. Só aquele que é posto à prova em sua vida, fé e em suas convicções, forma-se, cresce e amadurece. O compromisso com a construção de um mundo melhor e mais justo requer de nós uma forte dose de coragem e uma alma ágil, animada e vivificada pelo sabor da aventura e da novidade.



## Viver como ressuscitados

O escândalo da cruz, aparentemente, levava ao fim a vida e a proposta de Jesus. Quando se esperava que tudo terminasse, tudo se iniciou. No fim, estava o início de tudo, onde a fé renasce mais viva e mais forte do que antes. Aquele túmulo escuro e vazio veria a luz que o mundo inteiro não pode conter.

As mulheres foram as primeiras que viram o instigante sinal: a pedra tinha sido removida e o túmulo estava vazio. Quem busca, encontra! A pedra removida do túmulo revelou a Madalena a novidade que seu coração buscava: “Ele vive”!

As mulheres foram as primeiras a “entrarem” no mistério de Deus. Não se pode fazer a experiência da Páscoa sem “entrar” no mistério. Entrar no mistério requer de nós que

não tenhamos medo da realidade: não nos fechemos em nós mesmos, não fuçamos perante aquilo que não entendemos, não fechemos os olhos diante dos problemas. Para entrar no mistério é preciso “crer”. Quando se crê, vêm-se sinais do Ressuscitado em tudo e se compreende que há sentido em tudo, há um mistério escondido na realidade: “Quando o coração está cheio, os olhos transbordam” à eterna novidade do mundo. “Sem adorar, não se pode entrar no mistério” (Papa Francisco - Pascal – 2015).

O Ressuscitado não pertence ao passado, está presente e vivo hoje. Por isso, mais importante do que crer na ressurreição, após a morte, é vivermos como ressuscitados. “Há um risco de acostumarmos e conviver com os sepulcros” (Papa Francisco). Há muitas pedras na entrada do coração, travando a vida (tristeza, fracasso, crise, trauma...); só o encontro com Ele pode rolar essas pedras, integrando-as e dando um novo significado. “Viver como ressuscitados” implica esvaziar-nos do “ego” para deixar transparecer o que há de divino em nosso interior. Implica esvaziar-se da tristeza, do pessimismo, da murmuração e incredulidade, que nos impedem de sentir paz. Viver como ressuscitado é levar no próprio corpo as marcas de Jesus, para que a vida por Ele dada se manifeste plenamente no mundo. Quem experimenta a si mesmo como “Vida” é já uma pessoa “ressuscitada”. Que sua vida seja ressuscitada nEle. Feliz Páscoa!



## Misericórdia: expressão da divina essência

**P**ara mim não é difícil falar da misericórdia de Deus, pois ela tem sido constante e tão necessária na minha caminhada. Acredito, experimento e anuncio que o Deus revelado por Jesus não é um saber, que se define como uma fórmula matemática. O Deus revelado por Jesus é um sabor, uma experiência. Ele se deixa saborear, se deixa experimentar. E o melhor sabor de Deus é sua Misericórdia. A Misericórdia é expressão da essência divina. Não acredito e nem anuncio um deus da ira e da condenação, mas, um Deus humanamente comovente, que aproxima seu coração de nossas misérias, para curar-nos, perdoar-nos e fazer-nos saborear sua paternidade incondicional.



tos, famílias e corações. O amor de Deus por nós, sempre, será maior do que nossos pecados e omissões. Afinal, o cristianismo não nasceu de uma bela ideia ou de um programa ético, mas de um acontecimento, ou seja, de um encontro com uma pessoa: Jesus de Nazaré. Jesus: rosto humano e divino da Misericórdia no meio de nós. Ser discípulo de Jesus exige, antes de tudo, uma adesão forte e pessoal a Ele: uma relação de confiança total e incondicional. O seguimento verdadeiro de Jesus nasce de um encontro intenso e pessoal com o Senhor, que fará provar o amor de Deus, transformando quem o experimenta em seu seguidor. No encontro com a Misericórdia de Deus, saímos cheios de alegria, transformado e iluminado, com um fogo novo no coração, levando aos outros a grande experiência feita de amor e iluminação. Corramos, portanto, em busca, sem medo, aos braços do bom e misericordioso Senhor.



## Tempo de renovação

O filósofo pré-socrático Heráclito afirmava que ninguém toma banho no mesmo rio duas vezes, pois, na segunda vez o rio já não é o mesmo, tampouco a pessoa. Com isso, o grande Heráclito afirma que tudo flui e segue seu ciclo natural. Os momentos são sempre únicos e as águas da vida não mais retornarão, porquanto já fluíram. Os momentos e as pessoas não mais se repetirão. Daí a necessidade de vivermos, intensamente, cada segundo da existência.

Esta reflexão é propícia para tempos de renovação. Sempre que iniciamos um novo ciclo, alimentamos nosso coração de sonhos, projetos e propósitos a serem realizados. Porém, na correria e na agitação diária, os sonhos dão espaço ao desânimo e os propósitos às cobranças pessoais, que nos sufocam e tiram o foco do essencial. O que

nos impede de viver cada momento intensamente é que, no presente, vivemos presos ao passado ou preocupados com o futuro. Quem vive preso ao passado, nem vive o presente e nem projeta o futuro, esperamos sempre pelo amanhã o que pode acontecer hoje. Vivemos e sofremos por antecipação. Jesus já nos advertia: a cada dia basta sua preocupação.

Santo Agostinho afirmava que nossa eternidade será a soma de momentos intensos vivenciados até aqui. Momentos vividos com intensidade que já deixaram marcas do eterno em nós. Momentos nos quais amamos e fomos amados, momentos que construímos e nos deixamos construir, momentos em que o coração amou, por isso, eternizou.

A segunda metade do ano já começou. Estamos mergulhados num contexto social, político e econômico que parece favorecer o desânimo e a tristeza. Deus é Pai do ânimo, o diabo do desânimo, que tira de nós todo sonho e toda ousadia. O desanimado é refém do seu próprio medo, já não ousa, não arrisca e nem sonha. Sempre é tempo de recomeçar, redefinir metas e “faxinar” o coração de tudo que é empecilho para pensar alto e alçar voos em direção à meta desejada.



## A arte de escutar-se para escutar a Deus

O homem pós-moderno desaprendeu a arte de rezar. “É oco”, pobre de interioridade, vive de “fora para dentro”, na superficialidade. Já chegou à lua mas, não sabe entrar no próprio coração para escutar a si e a Deus.

O ativismo da vida moderna o deixa descentrado e disperso. Agitado, vive voltado para fora. Perde a identidade, não sabe quem é e para onde vai.

Torna-se vazio, com subjetividades desintegradas. Daí a falta de paz interior, a angústia, o desânimo, a depressão e, aos poucos, perde o gosto de viver e de crescer. Tudo embalado pelo tédio e o vazio existencial.

Jesus Cristo já nos advertia que sem Ele não vamos a lugar nenhum. Quem reza adquire uma identidade mais

sólida. Ganha em autoestima porque se vê conforme Deus o vê. Assim, encontra mais sentido nas coisas, percebe mais encanto em seu mundo. Sente-se mais sereno, equilibrado e mais feliz, crescendo assim a sensibilidade e o compromisso com os valores profundos da vida.

A oração, além do uso religioso, pode também ter uso terapêutico. Faz bem à alma, mas, também ao corpo e à mente, ou a psiquê. Ela serve para prevenir doenças de fundo emocional. Justamente por esses benefícios, a meditação está entrando na agenda das políticas públicas de saúde.

Se quisermos ter saúde física, psíquica e religiosa precisamos priorizar um tempo para a oração diária na nossa vida super agitada. Não importa a quantidade do tempo, mas a qualidade que dispomos para um encontro pessoal conosco e com Ele, no silêncio e na paz. Quem não tem tempo para se escutar jamais escutará “Deus em si”. Quanto mais interioridade mais profundidade, quanto mais exterioridade mais superficialidade. Corremos o risco de viver uma vida superficial, sem profundidade, fútil.

O nosso equilíbrio e o equilíbrio dos nossos relacionamentos passam pela oração, que é encontro com Aquele que nos ama e nos fortalece e que habita no mais íntimo do nosso ser.



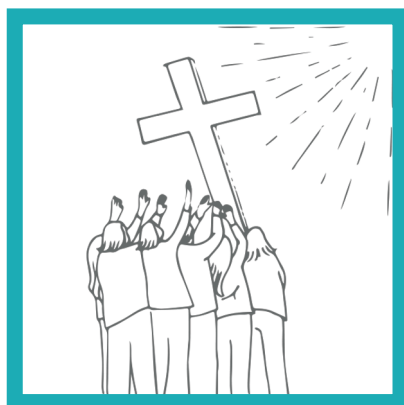
## A mística da ação e contemplação

**E**m tempos da “cultura do espetáculo, do descarte e da pressa” há necessidade de priorizar momentos para ouvir o silêncio e o encontro com a família e os amigos. São momentos existenciais que nos remetem à transcendência. Momentos com sabor de eternidade. É bom parar e ir ao essencial, para evitar o pior: síndrome do pensamento acelerado, desorientação, vazio existencial.

Em tempos de agitação, necessitamos de mística. Afirmção profética já anunciada por Karl Rahner, maior teólogo católico do século XX: o cristão de amanhã “será místico” ou já não será cristão. Quando dizia “será místico”, não se referia ao mero sentimento, nem falava de mística com o sentido de fenômenos extraordinários: visões, estigmas ou levitações. Queria dizer que o cristão ou faz uma experiência pessoal de Deus ou vive da ideia de Deus. Na “cultura da ausência de

Deus” (J. Moingt), o que predomina é a experiência de não ter feito nenhuma experiência religiosa, isto é, não ter sido afetado, nem, muito menos, transformado por algo que possa ser denominado “Deus”. Muitos vivem da ideia de Deus e não da experiência com Deus. Inácio de Loyola já nos alertava de que Deus não é um “saber”, e sim, um “sabor”. Deus dá-se a si mesmo e se deixa saborear em ato de Presença. É nessa Presença gratuita que encontramos o sentido último e a salvação. O essencial, de um modo ou outro, é em Deus que se encontra, mas numa experiência pessoal. Como no amor.

O mundo está povoado de Deus. Há sinais de transcendência em tudo. Deus aparece nas experiências radicais e originárias da vida. Nosso drama é perder a memória de que somos parte do todo: ao distanciar-nos do Deus Criador, rompemos a relação cordial com todos e caímos no vazio existencial. O autocentramento, sem levar em conta a rede de encontros que nos envolve, provocou a quebra da “re-liquação” com tudo e todos. O que nos corrói é a petrificação de nossa interioridade, a perda do gosto pela verdade, pelo belo, pelo bem, o extravio da ternura e da transcendência, o esvaziamento dos encontros. O que nos desumaniza e isola é a cultura da indiferença. Ela edifica a barreira intransponível entre nós e os outros. Aos poucos, recolhemo-nos em nossos medos e começamos a acreditar que os diferentes são nossos inimigos. Da indiferença passamos às práticas fundamentalistas, à segregação. Nossa vocação é construir pontes e ser presença reconciliadora em situações de fronteira, colocando nossa energia, nossa formação, nossa vida a serviço... para criar, alimentar e sustentar os laços humanos, as relações sociais, estruturas políticas e econômicas que tornem possível a solidariedade, o encontro entre todos os seres humanos e aponte para um mundo fraterno e justo.



## A Igreja é jovem

O Papa Francisco, após consulta às Conferências Episcopais, estabeleceu que a XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, em outubro, terá como tema a juventude e discutirá “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”.

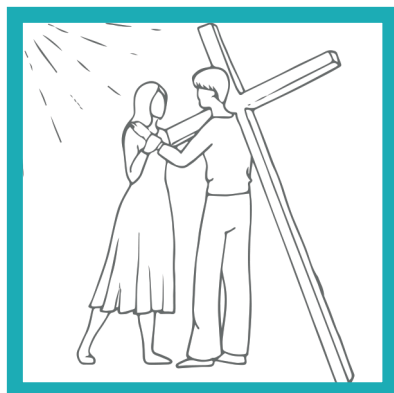
A Igreja põe-se à escuta da realidade dos jovens para o discernimento evangélico sobre a realidade atual. A pós-modernidade exerce influência sobre os jovens, que sentem o dilaceramento da experiência do vazio de sentido da sociedade consumista e hedonista e a absoluta falta de horizonte amplo de sentido a ser encontrado em Deus.

Há no coração dos jovens um desejo de encontro com o sentido de todos os sentidos, pois, quanto mais a sociedade mergulha no oceano infindável do materialismo, utilitaris-



mo e pragmatismo reinante, mais alto a juventude clama pela Transcendência. O Papa propõe-se ouvi-los e discernir questões à luz do Evangelho e da missão da Igreja.

Francisco já tem em mãos o texto que vai orientar o encontro, fruto de trabalho realizado entre a equipe do evento e os jovens de vários locais do mundo, que reuniram respostas à pergunta: que Igreja os jovens desejam? Resposta clara e direta: transparente, acolhedora, acessível, alegre, interativa, menos institucional, mais relacional, que acolha sem julgar, previamente, é misericordiosa. O documento evidencia que muitos jovens católicos não seguem as orientações da moral sexual da Igreja. Sugerem que ela deve debater, sem preconceitos, temas controversos: anticoncepcionais, homossexualidade, aborto, casamento, além daqueles que os jovens já discutem: novas tecnologias, migrações, desemprego, novas escravidões e o papel da mulher. Há, também, quem nada peça à Igreja, ou apenas ser deixado em paz, considerando-a presença inútil, que “incomoda e irrita”. Os jovens pedem que a Igreja reforce sua política de tolerância zero contra abuso sexual na instituição e justifique posições doutrinárias e éticas frente à sociedade. Os jovens querem que ela brilhe por sua coerência, competência, corresponsabilidade e compartilhe sua realidade, não apenas com sermões.



## Igreja aberta às inquietações da juventude

O Papa Francisco, com seu coração de pastor, após ter consultado as Conferências Episcopais, estabeleceu que a XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, em outubro, terá como tema a juventude e envolverá três pontos: os jovens, a fé e o discernimento vocacional.

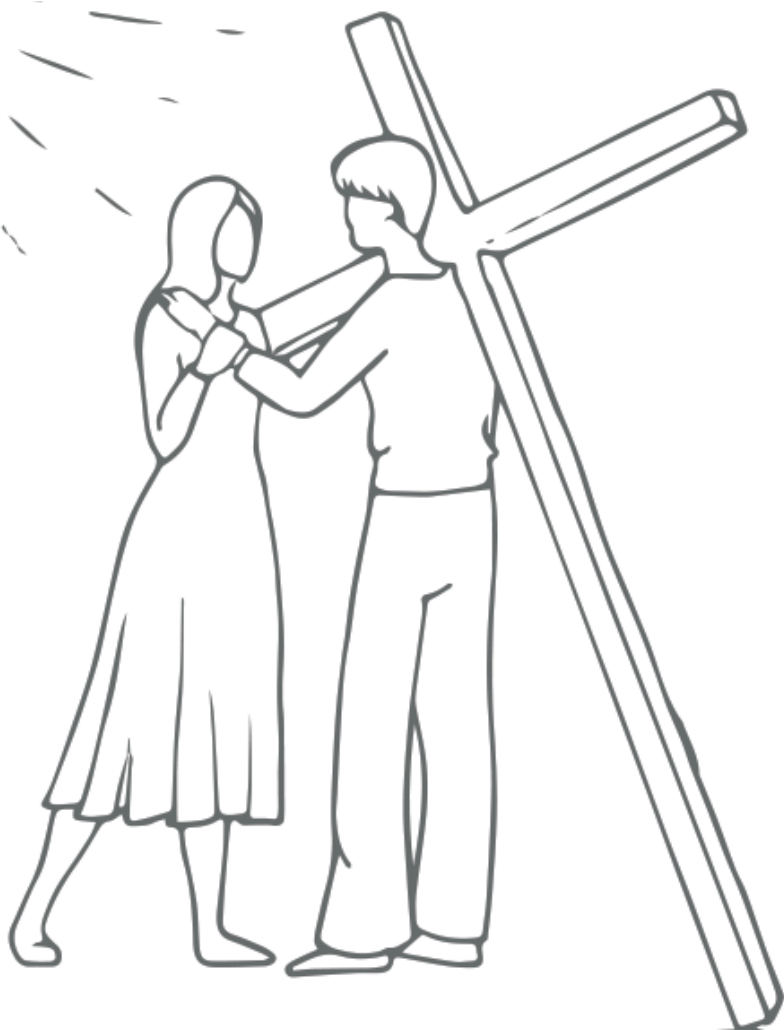
A Igreja põe-se à escuta da realidade dos jovens para um discernimento evangélico sobre a realidade atual imensamente variada. A pós-modernidade globalizada exerce forte influência sobre os jovens, que sentem o dilaceramento da dupla experiência do vazio de sentido da sociedade consumista e hedonista, de um lado, e de outro a necessidade absoluta do ser humano de um horizonte amplo de sentido a ser encontrado em Deus.

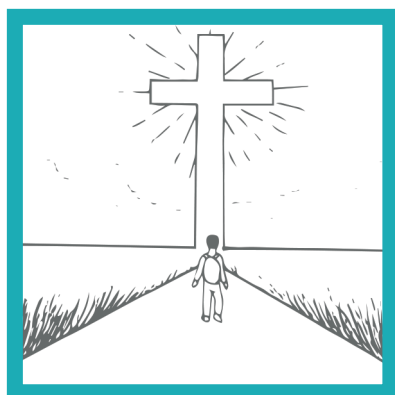
Há no coração dos jovens um latente desejo de encontro com o sentido de todos os sentidos, pois, quanto mais fundo a sociedade mergulha no oceano infundável do materialismo dos bens de consumo, utilitarismo e pragmatismo reinante, mais alto a juventude ergue o clamor pela Transcendência.

O Papa se propõe a ouvir os jovens, em profundidade e a discernir sobre questões postas por eles, à luz do Evangelho e da missão da Igreja, que precisa e quer estar mais ao lado deles no discernimento de questões cruciais da vida e de seu futuro.

Francisco tem em mãos o texto que vai orientar as atividades, fruto de trabalho realizado entre a equipe do evento e jovens de vários locais do mundo, que reuniram respostas de mais de 100 mil jovens: qual a Igreja que os jovens desejam? A resposta é clara e direta: transparente, acolhedora, comunicativa, acessível, alegre, interativa, menos institucional e mais relacional, capaz de acolher sem julgar previamente, amiga e misericordiosa. O documento evidencia que muitos jovens católicos não seguem as orientações da moral sexual da Igreja. Sugerem que ela deve debater abertamente e sem preconceitos, temas controversos, como uso de anticoncepcionais, homossexualidade, aborto, casamento, além daqueles que os jovens já discutem: novas tecnologias, migrações, desempregos, novas escravidões e o papel da mulher. Mas, há também quem não pede nada à Igreja, ou pede que ele

seja deixado em paz, considerando-a uma presença não significativa, que “incomoda e irrita”. Um motivo para essa atitude são casos de escândalos sexuais e econômicos, sobre os quais os jovens pedem à Igreja que reforce sua política de tolerância zero contra o abuso sexual dentro das instituições, e que saiba comunicar sua mensagem justificando suas posições doutrinárias e éticas frente à sociedade contemporânea. Os jovens querem que a Igreja seja uma instituição que brilhe por sua coerência, competência, corresponsabilidade e solidez cultural e que compartilhe sua situação de vida e não somente os seus sermões. Em tempos favoráveis para reconhecer suas falhas e omissões, os jovens oferecem elementos significativos para a Igreja retomar sua missão e seu anúncio profético junto à juventude. Ao voltar-se para eles, antes de apelar para a sua conversão, é a própria Igreja que se propõe a fazer um caminho de “conversão pastoral e missionária”. E isso requer mudança de atitudes e posturas pastorais em relação aos jovens.





## Olhar amoroso e vigilante sobre si mesmo

**D**izem que, no Brasil, tudo só começa depois do carnaval. Para nós, cristãos, o tempo é precioso demais para passar sem ser percebido. “Deixa a vida me levar” não é opção de vida de cristão.

A vida é sempre uma travessia. Travessia para o novo e desconhecido. Somos peregrinos, num caminho povoado de desafios que podem atrofiar a visão e colocar-nos à margem do caminho, sozinhos, sem encanto e sem sonhos, ou um caminho repleto de sinais que nos impulsionam para frente e preenchem nosso coração de ousadia.

O tempo da Quaresma é para nós, cristãos, tempo privilegiado para retomar o ritmo da marcha, esvaziar as mochilas do supérfluo, reabastecer-nos do essencial, retomar as metas discernidas e assumidas diante de Deus. Já di-

ziam os mais antigos: tempo é questão de preferência. O que dá sentido ao tempo vivido é a atenção que damos ao nosso mundo interior. A maior parte das pessoas vive como se a vida interior não precisasse de tempo, esquecem que a vida de dentro se revela na de fora. A vida interior precisa de tempo para morar no silêncio. Silêncio é mistério, é lugar de entrega e encontro.

O tempo da quaresma nos convida a cuidar da nossa vida interior. A fazer uma faxina interior e a se desfazer de toda bagagem tóxica que consumimos e alimentamos na rotina agitada, corrida e estressante.

A oração, a esmola e o jejum são as três atitudes mais características do tempo da Quaresma. A oração é adentrar-nos no nosso próprio interior, porque aí se faz ouvir a voz de Deus. Mas, dificilmente, podemos entrar no interior se nos deparamos com um coração endurecido, hermético, agitado. O jejum é um “olhar amoroso e vigilante” sobre e para si mesmo, uma tomada de consciência sincera na direção de uma transformação profunda. Tem a finalidade de nos possibilitar a experiência da falta. Descobrir que, além dos alimentos, é o Senhor da vida que nos nutre. O jejum e a sobriedade favorecem a aproximação espiritual com Deus e com os irmãos que sofrem. Diante de uma sociedade que valoriza o ser humano em função do que consume – “consumo, logo existo” – nosso jejum é o grito que anuncia que o ser humano é valioso em si mesmo, porque assim o é para Deus. A oração e o jejum nos capacitam a compartilhar com os outros a generosidade que Deus desperta. E isto tem um nome: esmola. Quanto mais vivemos em Deus, menos somos nós o centro, menos dependentes das coisas e mais receptivos somos aos outros.



## Ele vem para junto de nós...

**I**nciamos o tempo de preparação para o Natal, que a Igreja chama “Advento”, palavra latina que significa aproximar-se, vir chegando aos poucos, “Ele vem para junto de nós”. No primeiro advento, Ele veio para junto de Maria, José e dos pastores. Já no segundo “*adventum*”, Ele virá como Senhor absoluto e estará ao lado de todos nós, em sua transparência fulgurante. E assim, seremos vistos com o olhar mais límpido que iremos receber na vida. Não de medo, nem condenação, mas um olhar de amor. O olhar do Cristo glorioso!

Nesse sentido, Advento não é somente um tempo, é sim uma atitude profunda que cultiva e desenvolve a esperança, acende todas as lâmpadas da espera, abre os ouvidos da escuta e dispõe nosso espírito para a acolhida. Tempo de feliz espera! O poeta Fernando Pessoa nos inspira em



tempos de Advento: “Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já têm a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos”.

Em tempos de corações inquietos, sufocados por interesses consumistas que manipulam o sentido e os símbolos religiosos, somos convidados a recuperar o real sentido do Advento. Façamos um novo esforço por viver e celebrá-lo como oportunidade e momento novo e intenso para aprofundar o mistério de nossa fé. Não nos deixemos levar pelo microclima que ofusca o aniversariante e sua proposta de salvação.

È tempo de alimentar sonhos, semear esperança e priorizar a família. È tempo de redimensionar o coração para o que é essencial, pois, onde estiver o seu coração aí estará o seu tempo. Tempo que se gasta para Deus e para a família, nunca será perdido. Portanto, o Advento nos convida à gruta de Belém, onde Deus se faz criança e mostra sua simplicidade e doçura em família, preenche nosso coração da certeza de que podemos, sempre, contar com a luz que Ele acendeu definitivamente na humanidade. Esta Luz é Jesus que veio para o meio de nós!



## Deus se fez criança

O mistério do Natal permanece obscurecido. A proximidade do fim de ano carrega o peso do cansaço e das ansiedades que impedem a preparação para acolher a novidade natalina. O consumismo, o vazio e a dispersão dificultam a vivência profunda do Natal e distanciam-nos da Gruta de Belém.

Na gruta, porque não havia lugar para eles na casa dos homens, Deus se fez criança. O coração de Deus bate dentro do peito humano. Ele assumiu nossa carne e tornou-se igual a nós em tudo, menos no pecado. É a noite que Deus se humaniza. Por nosso amor fez-se Pessoa e nasceu no tempo. O Deus dos cristãos não é um mito, nem um livro, mas Palavra encarnada, presença interpelante na história dos homens. Aquele que foi anunciado pelos profetas se deixa ver e tocar na fragilidade de uma criança: Jesus de Nazaré.

Ao contemplar o Menino em Belém, Agostinho diz: «Ele está deitado numa manjedoura, mas contém o universo inteiro; mama num seio materno, mas é o pão dos anjos; veio em pobres panos, mas reveste-nos de imortalidade; é amamentado, mas é também adorado; não encontrou lugar na estalagem, mas constrói para si um templo no coração dos seus fiéis.» Nossa humanidade foi divinizada pela “descida” de Deus. Deus agora pode ser buscado em nossa interioridade e em tudo o que é humano.

Conectar-se, nesta noite, com a gruta de Belém é despertar o que há de mais “divino” em nós. Para isso é imprescindível o silêncio. No silêncio da Gruta de Belém, somos pacificados das ansiedades e agitações, da sede de poder e das vaidades. O silêncio da gruta nos revela o essencial e faz brotar o desejo profundo de sermos mais humanos. O Menino que está na gruta desperta o menino adormecido em cada um de nós. Esse menino é o que existe de melhor em cada um de nós: a simplicidade, confiança, a infância e a paz.

Deus não quis vir ao mundo, senão através da família. A família é um “sonho de Deus”. Deus sonha a família e é nela que se mostra. Natal é tempo de “sonhar a família” e “sonhar em família”. Natal é Deus que entra em nossa própria casa. Reúne, portanto, a família e descobre as pegadas da Divindade que se humanizou nos gestos de aconchego, amor, paz e fé. FELIZ NATAL!



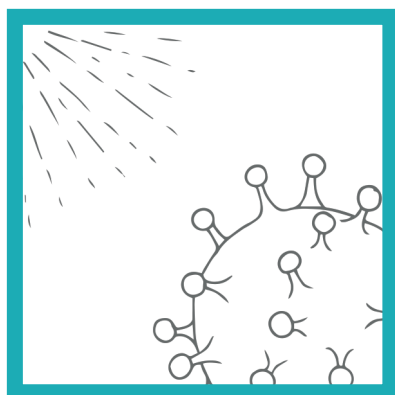
## Quaresma e quarentena

**D**e repente tudo mudou! Um vírus invisível colocou parte do mundo em isolamento. Um vírus fez da quaresma uma quarentena. Tal realidade fez-me lembrar da obra do poeta português Saramago: “Ensaio Sobre a Cegueira”, que retrata uma cidade inteira que fica cega e as pessoas ficam enclausuradas. Uma metáfora de uma sociedade que, em momentos de perigo e angústia, mostra suas luzes e escuridões. A pandemia mostra o pior e o melhor da sociedade.

Nem todos têm esse hábito de recolhimento e solidão, mas é necessário recuperar a sabedoria e o gosto de estar em casa consigo e com os outros. Cuidar do emocional, manter e alimentar a fé, olhar para dentro e corrigir atitudes, sentimentos e comportamentos. Em meio à rotina, manter a calma, pois, o medo é um mal mais terrível do que a própria doença. Reencontrar o caminho para si mesmo é saudável.

Viver a Quaresma, em quarentena, dando oportunidade de repensar ações e modos de estar no mundo. Desintoxicar do ritmo frenético de atividades, da sede de produtividade e consumo. Gostar de estar consigo mesmo. Refazer laços e contatos já esquecidos, conversas em família e a escuta atenta um do outro.

Iluminar o olhar pela fé é acreditar que essa situação não encerra apenas temores, mas possibilidades singulares. Possibilidade de viver a pura alegria do dom e do agradecimento. Aprofundar e alimentar a fé na presença de Deus em “noites escuras”, descobrindo suas pegadas nas vítimas desta pandemia, nos médicos e agentes de saúde que os atendem, nos cientistas que buscam vacinas antivírus, em todos os que nestes dias colaboram e ajudam para solucionar o problema, nos que rezam pelos demais e espalham esperança. Deus necessita de cada um de nós, para se revelar, portanto, que nossa solidariedade seja mais forte que o egoísmo que, às vezes, nos habita. Na dor e na calamidade coletiva, sentimos que somos menos desiguais do que pensamos. A pandemia não tem ideologia, raça, credo e sexo. Que nossa solidariedade seja mais contagiante que o vírus. Que as forças reconstrutoras, renováveis, resilientes, que possuímos dentro de nós, em situações assim, desabrochem.



## Deus e o corona vírus

O mundo está perplexo diante da pandemia de Covid-19. Um vírus invisível que colocou o mundo em isolamento. A pandemia não tem ideologia, raça, credo e sexo. O vírus passa deixando medo, angustia, sofrimento e morte.

O sofrimento inocente e o mundo imenso em lágrimas são a estrada mais árdua e mais séria para compreender a verdadeira realidade da fé. É nas experiências do sofrimento que emerge a pergunta sobre Deus. Na dor e no sofrimento, o crente e o ateu se perguntam pelo seu Criador. A Igreja já afirmava no Vaticano II que “uma das causas do ateísmo e do indiferentismo religioso se deve ao silêncio de Deus diante do mal e do sofrimento (Gs 19)”. Aqui se radica a origem de muitos conflitos na relação do homem com Deus, coadunando-se com o que apregoa Camus ao afirmar que não há lugar para

Deus no mundo invadido pelo sofrimento do inocente (Cf. CAMUS, 1960, p. 20). Nesse sentido, o sofrimento humano, qualquer que seja sua causa, sobretudo em situações injustas, nas quais sofre o inocente, abala nossa fé, nosso discurso teológico e, principalmente, a imagem do Deus onipotente.

Em decorrência de tal realidade, perguntas e questionamentos são suscitados: por que existe a dor, se Deus nos ama? Qual o motivo de seu silêncio e impotência diante da dor? Onde Deus está nessa situação? Percebe-se que algumas respostas, na tentativa de justificar tais perguntas, causam certo mal-estar e rebeldia nas imagens de Deus que apresentam, mostram uma concepção da onipotência de Deus que resulta em apatia e insensibilidade diante do sofrimento. Nessa perspectiva, o mal expressa o desejo divino de punir a humanidade por seus muitos pecados. Assim, Deus não passa de um sádico, que se alegra com o sofrimento humano. Tal imagem alimenta e origina uma fé pouco saudável.

Para falar de Deus, em situações de sofrimento, precisamos escutar o grito de Jesus na cruz. A cruz nos apresenta Deus subcontrário, isto é, sob seu oposto: na humildade, debilidade, sofrimento e fraqueza. Na cruz de Jesus, Deus se revela, sofre e solidariza-se. O impensável aqui foi real: Deus não está ausente no sofrimento, e sim, o comparte conosco. O silêncio de Deus na cruz de Jesus não é o silêncio da indiferença e sim o silêncio de quem se faz escuta, proximidade e compaixão. Deus fala no silêncio, segue na ausência, deixa-se conhecer no ocultamento e mostra seu poder na debilidade. O Deus revelado em Jesus não é o dos filósofos gregos “incapaz

de sofrer”, e sim o “Deus simpático” que é capaz de sofrer, a partir da plenitude do seu ser, isto é, do seu amor. Um sofrimento ativo, voluntário, o sofrimento do amor. Esse sofrimento de amor leva esperança a todos aqueles que a perderam. Só um Deus que padece é capaz de se compadecer. Só um Deus que sofre é capaz de entender e comprometer-se com os sofredores.

Portanto, onde vejo Deus nesta crise do Covid-19? Veja as pegadas de Deus nas vítimas dessa pandemia, nos médicos e agentes de saúde que os atendem, nos cientistas que buscam vacinas antivírus, em todos os que nestes dias colaboram e ajudam para solucionar o problema, nos que rezam pelos demais e espalham esperança, alimentando sonhos de superação e animando o olhar para além da pandemia. Deus age muito mais do que vemos. Precisamos, portanto, purificar nossa imagem do Deus de Jesus para que não permaneçamos indiferentes nem imóveis ante o sofrimento dos outros e para que não busquemos dar explicações que levem à mera aceitação resignada do sofrimento. Deus necessita de cada um de nós para se revelar, portanto, que nossa solidariedade seja mais forte que o egoísmo que, às vezes, nos habita. Que nossa solidariedade seja mais contagiante que o vírus. Ele sempre se revela nas mãos abertas do amar e servir!





## Uma refeição para todos

**N**a solenidade de Corpus Christi, fazemos memória da última refeição de Jesus. Não é uma refeição comum, mas uma ceia solene, a última de tantas outras que ele havia celebrado pelas aldeias da Galileia. Como bom judeu, a refeição para Jesus era um lugar sagrado, espaço para o encontro, a amizade e partilha.

As refeições de Jesus surpreendem e escandalizam. Jesus come e senta à mesa com pecadores, não seleciona seus convidados. Uma das acusações surpreendentes contra Jesus faz referência ao costume de comer, desde o primeiro momento, com cobradores de impostos ou pessoas estigmatizadas de pecadoras e pouco ligadas à prática da lei judaica: “É um comilão e beberrão, amigo dos cobradores de impostos e dos pecadores” (Mt 11,19). Assim, Jesus transgredia e desafiava as formalidades do compor-

tamento social e das regras que estabeleciam a desigualdade, a divisão. As razões para justificar esse comportamento baseiam-se no centro da sua mensagem: o Reino de Deus. O próprio Reino de Deus, a utopia de Jesus é apresentado como uma ceia ou um banquete na casa do Pai (Lc. 14,15-24). O Reino para Jesus é um grande banquete onde a lista dos convidados se organiza de outra maneira; são convidados cegos, coxos, pecadores e indigentes (Lc 14). Assim, a linguagem do acolhimento e da mesa posta para todos mostra o modo de proceder de Deus que, sem exceção, chama a todos a sentarem-se à mesa, e com sua misericórdia e perdão põe fim a todo tipo de exclusão. O Deus de Jesus é Aquele que desce das alturas, entra nas casas, toma assento junto à mesa, come com as pessoas, serve-lhes o pão.

Aquela ceia de despedida marcou as comunidades cristãs. Não sentirão o vazio de sua ausência; pois repetindo aquela ceia poderão alimentar-se do seu próprio corpo e sangue. Nenhuma outra experiência pode oferecer alimento mais solido. Ele quis permanecer, por isso se fez alimento: “A Eucaristia é uma forma permanente de aparição do ressuscitado” (Durewell)

Depois de vinte séculos, a Eucaristia, que os primeiros cristãos chamavam de “ceia do Senhor, ou “mesa do Senhor”, pode parecer uma celebração piedosa reservada só para pessoas exemplares e virtuosas, aquelas que se acham dignas e puras. A simples refeição foi se complicando. A casa se converteu em templo, a refeição em “sacrifício”, a mesa em altar, o convite em obrigação. Deixou de ser

comida para pecadores e se tornou comida para “dignos e perfeitos”. No entanto, a “mesa do Senhor” é aberta a todos. Papa Francisco nos lembra: “ A Eucaristia não é um prêmio para os bons, mas a força para os débeis e os pecadores”. A Ceia do Senhor é para pessoas abatidas que buscam paz, pecadores que buscam perdão e todos que estão sedentos de fome de amor e dignidade.

A eucaristia convida a criar fraternidade, interpela a vivermos uma espiritualidade do encontro e do serviço de uns para com os outros. Este é o sentido de toda Eucaristia; passar do “partir o pão” para ser o “pão repartido”. É bom recordar isso na festa de Corpus Christi.



## Pós modernidade e interioridade

**A**pós modernidade desafia a Igreja. Desafia a fazer inteligível e significante a mensagem de Jesus para os homens e as mulheres de nosso tempo. Jesus Cristo é modelo e critério de vida para todas as épocas, os lugares e as culturas, aponta para o sentido da existência humana e da História. Como atualizar a mensagem de Jesus no coração dos jovens pós-modernos? O primeiro passo é conhecer a realidade dessa juventude com suas luzes e sombras. O jovem está inserido numa época que ganha novas denominações: “era da globalização”; “era da informação”; “sociedade do conhecimento”; “sociedade do espetáculo” (Belloni, 2002); “sociedade das ilusões” (Duarte, 2003); “era da incerteza”; “mundo moderno”, entre outras. Geração denominada por muitos estudiosos, como a Geração Homo Zappiens, os chamados nativos digitais, que estão no controle do fluxo da informação; utilizam uma linguagem própria; integram

diferentes tipos de redes sociais, possuem amigos virtuais, que interagem sem nem mesmo conhecê-los de forma presencial/física, fato que gera impacto nas relações humanas, se de um lado precisa dos outros como o ar que respira, do outro, tem medo de desenvolver um contato mais pessoal. Mergulhados no ciberespaço, com dezenas de amigos, muitos se encontram solitários. Nunca tivemos uma geração tão abastada e, ao mesmo tempo, tão só, tão ansiosa, com tantos medos e complexos emocionais, sensação de desamparo e de incompletude. Ao mesmo tempo que curtem várias fotos e muitas palavras de seus “conhecidos virtuais”, eles não curtem o diálogo com seus pais ou com os mais próximos. Dialogam com os de fora e silenciam com os de dentro, gerando um vazio e um empobrecimento das relações sociais e familiares. O excesso de uso das mídias digitais tem aumentado a infelicidade em níveis absurdos. Uma geração denominada Z (1996-2010), definida por alguns com três palavras: consumista, individualista, ansiosa, que vive em “tempos líquidos” onde tudo muda tão rapidamente. Geração frágil. Sem raízes e asas, onde reina a tristeza e a depressão. “Nunca tivemos uma geração tão triste, tão depressiva”.

No entanto, em meio a tantas reflexões, é importante observar as possibilidades de transformação desse cenário. É possível transformá-lo? Acreditamos, firmemente, que sim, construindo pressupostos que podem servir de suporte e alicerce para a transformação da vida dessa geração.

O segundo passo é se perguntar: o que posso fazer para que os jovens tenham dias felizes e saudáveis numa sociedade que cresce ansiosa, individualista, consumista e depressiva?

Numa perspectiva inaciana o enfoque está na construção do projeto de felicidade, que encontra um sentido para a própria vida, educando a subjetividade da pessoa para o seu crescimento no autoconhecimento, no saber e nas competências sociais e relacionais. Nessa perspectiva, a evangelização engloba necessariamente o corpo, pensamento, os sentimentos, as sensações, emoções e todos os demais movimentos interiores. Busca-se o desenvolvimento da capacidade de refletir, de discernir e de amar. A interioridade não se reduz a um intimismo, mas abre-nos à relação com o outro, à sensibilidade e compaixão com o sofrimento dos que sofrem, despertando o desejo de uma maior solidariedade e partilha. Precisamos ensinar nossas crianças a fazerem pausas e contemplar o belo em si e o no mundo.

Em um mundo de incertezas, a evangelização passa pela formação de jovens conscientes, competentes, compassivos e comprometidos consigo e com os outros. O jovem consciente desenvolve sua liberdade para viver e decidir com responsabilidade. O competente está disposto a superar-se, a desenvolver suas habilidades intelectuais, emocionais e sociais a serviço dos outros. O compassivo reconhece o outro em sua dignidade e, com sensibilidade e simpatia ver e responde suas necessidades. É comprometido com a vida e a humanidade; onde busca a transformação da realidade comum a atitude compassiva e solidária. Enfim, quando essas atitudes interagem formamos profetas do sentido, isto é, profetas, profetas da vida, das coisas, de Deus e da felicidade.





REALIZAÇÃO



**Assembleia Legislativa  
do Estado do Ceará**

Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o  
Desenvolvimento do Estado do Ceará





APOIO INSTITUCIONAL

**OPOVO**



**João Milton Cunha de Miranda**

Diretor Executivo

**Luiz Ernandes dos Santos do Carmo**

Orientador da Célula de Edição  
e Produção Gráfica

**Cleomárcio Alves de Loiola (Márcio),**

**Edson Ximenes Gomes Frota,**

**Francisco de Moura Barros, Hadson França Barros**

**João Alfredo Lanzilotti Martins**

Equipe de Acabamento e Montagem

**Aurenir Lopes Alves, Tiago Melo Casal**

Equipe de Produção Braille

**José Mário Giffoni Barros**

Técnico de Diagramação

**José Gotardo de Paula Freire Filho**

**Valdemice Costa de Sousa (Valdo)**

Equipe de Design Gráfico

**Rachel Garcia Bastos de Araújo**

Redação / Assistência Editorial

**Luzia Lêda Batista Rolim**

Assessoria de Comunicação

**Lúcia Maria Jacó Rocha, Marta Lêda Miranda Bezerra,**

**Maria Marluce Studart Vieira, Milena Saraiva Leão Vieira**

**Vânia Monteiro Soares Rios**

Equipe de Revisão

Site: [www.al.ce.gov.br/inesp](http://www.al.ce.gov.br/inesp)

E-mail: [inesp@al.ce.gov.br](mailto:inesp@al.ce.gov.br)

Fone: (85) 3277-3701

Fax: (85) 3277-3707





## **Assembleia Legislativa do Estado do Ceará**

### **Mesa Diretora** 2019-2021

**Deputado José Sarto**  
Presidente

**Deputado Fernando Santana**  
1º Vice-Presidente

**Deputado Dannel Oliveira**  
2º Vice-Presidente

**Deputado Evandro Leitão**  
1º Secretário

**Deputada Aderlânia Noronha**  
2ª Secretária

**Deputada Patrícia Aguiar**  
3ª Secretária

**Deputado Leonardo Pinheiro**  
4º Secretário

APOIO INSTITUCIONAL



Escaneie o QR CODE  
e acesse nossas  
publicações

**OPOVO**